

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E TEORIA FEMINISTA - DIÁLOGOS FRUTÍFEROS

Cassiana Panissa Gabrielli (NEIM/ UFBA)

A análise de discurso crítica (ADC) é uma vertente teórico-metodológica que aborda o estudo das linguagens nas sociedades contemporâneas. Descendendo da Linguística Crítica, a ADC se distingue das demais abordagens oriundas dessa corrente principalmente pelo seu diálogo direto com as ciências sociais, e seu trânsito multidisciplinar. O principal expoente da ADC é Norman Fairclough, o qual defende que a proposta da análise de discurso crítica é prover base científica para questionamentos críticos da vida social em termos políticos e morais, ou seja, de justiça social e de poder. Partindo da consideração da linguagem como prática social, os estudiosos da ADC vêem o discurso como modo de ação, e também de representação, além de levarem em conta, em suas análises, a dialética entre a prática social e a estrutura social, sendo a última considerada tanto uma condição quanto um efeito da primeira.

Nesse sentido, os estudos voltados à teoria feminista contemporânea têm na análise de discurso crítica uma relevante ferramenta metodológica para seu desenvolvimento. A reflexão feminista acadêmica visa a reestruturar a tradição científica debruçando-se sobre metodologias e conceitos consagrados, bem como formular um projeto de emancipação das mulheres, que ainda hoje são submetidas a modelos eminentemente masculinos. Ainda que se recorra aos estudos de gênero que tratam das relações entre masculino e feminino, e que também se apresentam em muitos casos como "substitutos" dos estudos feministas - voltados especificamente às mulheres -, a riqueza das contribuições da ADC é inegável, haja vista que permite a identificação das ideologias contidas nos discursos analisados. Possibilitam-se, dessa forma, meios para discussões coerentes que fomentem a construção das teorias feministas atuais. Assim, no presente artigo, discutir-se-á os modos de interação entre a análise de discurso crítica e a teoria feminista.

Teorias feministas

A questão das mulheres - suas posições e condições - tem sido pensada ao longo dos anos por colaboradores das mais variadas etnias e correntes de pensamento. Tal fato enriquece a construção da teoria feminista, a qual, apesar de ser considerada ainda nos dias de hoje uma proposta "alternativa", tem demonstrado sua consistência e repercussão nas mais diversas sociedades e áreas do conhecimento. O advento dos discursos feministas aconteceu na década de setenta do século passado, em meio a contestações políticas e sociais mais amplas, que ocorreram em diversas sociedades ocidentais.

Embora, certamente antes disso, já se articulassem idéias e teorias sobre as condições das mulheres, é nesse momento que se inicia certa ordenação de tais pressupostos, possibilitando a inserção de tais discussões nos mais diversos meios, especialmente no acadêmico, científico e dos movimentos sociais. As pesquisas acadêmicas voltadas às questões feministas esforçaram-se inicialmente em "estender e reinterpretar as categorias de diversos discursos teóricos de modo a tornar as atividades e relações sociais das mulheres analiticamente visíveis no âmbito das diferentes tradições intelectuais"

(Harding, 1993, p.7). Além disso, seu início foi ainda marcado pelo compromisso acadêmico direcionado à causa da emancipação das mulheres.

É válido frisar que não existe apenas um enfoque feminista. Há diversidade das posições feministas, tanto a respeito das filiações ideológicas, como feministas liberais, feministas marxistas e feministas socialistas. Como também, os posicionamentos epistemológicos são variados entre as seguidoras do feminismo. De acordo com Harding (1986), são três os posicionamentos epistemológicos feministas: o empiricista, que segue os pressupostos atuais da ciência, comprometidos com a justificativa e a verdade, porém, denunciam o viés androcêntrico que os perpassa; o feminismo perspectivista, que parte de um ponto de vista das mulheres para elaborar sua fundamentação; e o feminismo pós-moderno, no qual as categorias são consideradas de maneira mais diluídas, criticando as estratégias que se pautam em conceitos fundamentais.

Tal diversidade de posições e opiniões é considerada salutar para a construção de teorias variadas, as quais podem se complementar ou divergir favorecendo seus desenvolvimentos críticos. Contudo, é notório que o único consenso entre as seguidoras das mais distintas correntes do pensamento feminista, é que o gênero consiste numa construção social do masculino e do feminino.

A propósito da presença das relações de gênero na teoria feminista, Yannoulas esclarece que: "O ponto de partida e a estratégia de análise propostas pelas feministas acadêmicas afirmam que gênero é um dado crucial de investigação científica em função de duas perspectivas: como forma de classificação social a ser resgatada ou procurada no 'real'; e como dado constitutivo da identidade do sujeito que investiga e produz saberes" (2003, p. 2). A partir daí, as mulheres passam a ser simultaneamente pesquisadoras e objetos de pesquisas, o que veio a fomentar as discussões sobre a neutralidade científica até então propagada. É interessante salientar que tais discussões foram também delineadas pelo advento dos estudos culturais, ou pós-colonialistas, que surgiram na mesma época dos estudos feministas.

A crítica à neutralidade científica empreendida pelas (os) acadêmicas (os) feministas visa a demonstrar que a ciência denominada neutra é construída desde seu princípio por homens. Embora se diga que o objeto de pesquisa é a humanidade, os métodos, metodologias, epistemologias, assim como a escolha dos objetos de estudos, são definidos a partir de conceitos e definições androcêntricas. A percepção de tais condições de produção gerou a necessidade de contestação e criação de novas propostas, capazes de auxiliar a construção de hipóteses globais de interpretação que levem em consideração as questões femininas, a fim de obter uma ciência realmente livre, se é que isso é possível.

A respeito da relevância que ciência adquiriu na sociedade, é importante ressaltar que,

durante o último século, o uso social da ciência mudou: sendo antes uma ajuda esporádica, agora se converteu em um meio gerador direto de acumulação e controle econômico, político e social. Na atualidade, podemos contemplar que a esperança de "dominar a natureza" para melhorar a espécie se converteu no esforço para conseguir um acesso desigual aos recursos naturais para fins de dominação social. (Harding, 1996, p. 17)*

Sabendo que a racionalidade científica goza de alto prestígio nas mais diversas sociedades, compreende-se que é justamente ela que embasa boa parte do discurso

hegemônico ou competente. Mais até. É no seio dela que se torna atuante o contra-discurso feminista, posicionamento que questiona não apenas as convenções sociais, culturais e políticas desfavoráveis às mulheres, mas os próprios meios de produção de tal ciência, colocando em pauta a discussão sobre a relação do controle científico com a dominação social e econômica.

A esse questionamento também se é conduzido por aqueles que se detêm na análise de outras categorias sócio-culturais. Nesse sentido, a discussão acerca do controle científico não é privilégio da crítica levada a cabo pelas feministas. Todavia, em virtude de sua atávica transversalidade, a questão da mulher deixa-se articular livremente com estudos críticos voltados a etnias, raças, classes, gerações, entre outros. Tal articulação entre diversas correntes de pensamento crítico se faz necessária já que, "é evidente que cada forma de dominação utiliza as outras como recursos e se apóiam mutuamente de modos complexos" (*id*, p. 18)*. A proposta feminista não visa descartar a produção do conhecimento atual, para substituí-la por uma nova forma de produção "feminina". Seu propósito é justamente desmistificar a "não *generização*" científica e a suposta ausência de interesse pelo poder por ela respaldado.

É interessante destacar que, apesar de ciência ser propagada imparcial (quanto aos posicionamentos em relações de poder) há formas de controle instituídas ou não, nos locais de produção científica. Yannoulas, identifica três formas de discriminação nas instituições acadêmicas, a saber:

a) A discriminação manifesta, referente a regras e códigos pensados para salvaguardar e proteger espaços de poder; b) a discriminação encoberta, que se refere às idéias assumidas informalmente sobre a constituição da atividade acadêmica e do comportamento válido em seu interior; e, c) a autodiscriminação, que é uma espécie de vigilância interna aprendida para assegurar que nos comportemos dentro dos parâmetros delimitados pela discriminação manifesta e encoberta (2003, p.15).

É no intuito de desconstruir os discursos visíveis - e também os velados - que garantem a dominação masculina no âmbito científico, que a análise de discurso crítica aparece como uma importante ferramenta metodológica para a construção das teorias feministas contemporâneas. Já que, como comentado anteriormente, são esses discursos que amparam a dominação nos demais espaços, estruturas e práticas sociais.

Princípios da análise de discurso crítica

Considerando-se que a realidade não muda, mas sim a forma como esta é lida, acredita-se que através da análise crítica de discurso seja possível oferecer novas formas de ler a realidade, buscando-se clarificar as ideologias e valores vigentes nos discursos articulados. Todos indivíduos vivem imersos em sistemas culturais estruturados a partir de códigos simbólicos, e de normas, que de algum modo regulam as práticas sociais. Dentre os códigos simbólicos que estruturam as culturas e sociedades, a linguagem recebe merecido realce. A propósito dessa articulação entre os códigos simbólico e normativo, evidenciando-se a linguagem, Ívia Alves destaca que, "no interior de qualquer formação cultural as camadas dirigentes se valem de diversas formas discursivas e as transformam em ideologia para assegurar o seu domínio sobre grande parte da população" (2005, p. 29).

A análise crítica de discurso aproxima-se dos pressupostos da teoria feminista pela identificação da não neutralidade do gerador do discurso, e também, de quem o analisa.

Assim como, a ADC também se relaciona com as proposições acerca do conceito de gênero, considerando este como "um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (Scott, 1990, p. 14). Lembrando que a palavra é um instrumento, e considerando a linguagem não como meio, natural, ou transparente, mas sim como construção cultural, é possível inferir que a articulação de formações discursivas se acha eivada de valores, inclusive referentes às relações de gênero, que não devem ser reduzidos por interpretações superficiais.

Essa nova forma de ver a linguagem, constituindo, e não apenas expressando significados, não é algo exatamente novo. É, ao contrário, característica da corrente de pensamento pós-estruturalista, e, em especial, da ponderação levada a efeito por Foucault, que dedica boa parte de seus estudos às inter-relações entre poder e discurso. A referência ao pensador francês é importante, porquanto coube a ele considerar o poder como constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas em campos sociais de força (2003).

É justamente pensando na forma como esse poder é articulado e mantido através de ideologias que Thompson (1995), por sua vez, irá propor cinco modos gerais de operação da ideologia. O primeiro é a legitimação, que se baseia nas estratégias de construção simbólica da racionalização, da universalização e, da narrativização. Buscando legitimar as ideologias contidas nos discursos, recorre-se então a racionalização, a qual se fundamenta em regras já dadas para justificar as relações em questão. Já a universalização utiliza-se de representações parciais aplicadas como referentes ao todo. E a narrativização recorre a narrativas históricas como meio de justificação de relações presentes.

O segundo modo de operacionalização de ideologias proposto por Thompson refere-se à dissimulação. Esta pode ser simbolicamente construída pela estratégia de deslocamento, que ocorre quando termos são recontextualizados de um campo para outro atribuindo-lhes valorações positivas ou negativas de acordo com a ideologia que o emprega. A dissimulação também pode ser articulada através da eufemização, que opera valorizando simbolicamente ações, relações e/ou instituições sociais, descartando os pontos negativos destas. Ou ainda por meio daquilo que o autor denomina tropo, referindo-se ao emprego de palavras e/ou expressões em sentido figurado.

O terceiro é a unificação, que, por sua vez, opera num duplo sentido. Ao empregar um referencial padrão, torna-se operatória através da padronização. Ao utilizar-se da construção de símbolos a serem compartilhados/identificados pelas coletividades, vem à luz como simbolização. O quarto modo de operação relaciona-se à fragmentação e tem como base as estratégias simbólicas de diferenciação, que procura identificar características para, aí então, diferenciar elementos dentro do que poderia ser um grupo harmônico. E também do expurgo do outro, que intenta conceber simbolicamente o grupo ameaçador ao poder hegemônico como algo hostil, incitando à combatividade a este.

O quinto e último modo de operacionalização diz respeito à reificação. Tal modo age simbolicamente por meio da naturalização, que toma construções sociais e culturais como independentes da ação humana. Atua também através da eternalização, quando o contexto histórico de certos elementos é ignorado, apresentando-os como permanentes. A reificação pode ainda utilizar a estratégia simbólica de nominalização ou passivação, a qual privilegia determinados temas em detrimento de outros, ofuscando ações e atores.

Além de reflexões sobre os modos de operacionalização de ideologias de Thompson, a análise crítica de discurso também dialoga com a Lingüística Sistêmica Funcional, de Halliday. Considera-se, aqui, que "os estudos funcionalistas têm por objetivo, além de estabelecer princípios gerais relacionados ao uso da linguagem, investigar a interface entre as funções e o sistema interno das línguas" (Resende e Ramalho, 2006, p. 56).

Fairclough, de sua parte, tomou como base os conceitos referentes às funções ideacional, interpessoal e textual de Halliday, delas se apropriando com vistas à ADC e articulou-as com os conceitos de gênero, discurso e estilo. Assim, chegou a proposição de três principais tipos de significados: o representacional, o significado identificacional e o significado acional. A esse respeito, lê-se:

O discurso figura de três principais maneiras como parte de práticas sociais, na relação entre textos e eventos: como modo de agir, como modos de representar e como modos de ser. A cada um desses modos de interação entre discurso e prática social corresponde um tipo de significado. O significado acional focaliza o texto como modo de (inter)ação em eventos sociais, aproxima-se da função relacional, pois a ação legítima/ questiona relações sociais; o significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo - físico, mental, social - em textos, aproximando-se da função ideacional, e o significado identificacional, por sua vez, refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso, relacionando-se à função identitária (*id.*, p. 60).

Tendo em mente as bases e articulações que constituem a teoria da análise de discurso crítica, torna-se possível observar com maior acuidade as relações entre ela e as teorias feministas contemporâneas.

Diálogos frutíferos

O que se pretende aqui não é traçar modelos ou delimitações para interações entre a análise de discurso crítica e as teorias feministas, mas demonstrar seus pontos de convergência para, a partir daí, incentivar o uso dos recursos metodológicos da ADC com vistas às construções científicas críticas propostas pelas teorias feministas. Estas propõem desconstruções dos discursos hegemônicos que mantêm o poder unilateralmente a favor de homens. Assim como a ADC tem por objetivo inter-relacionar a lingüística com as ciências sociais, favorecendo a operacionalização dos discursos das minorias frente à hegemonia branca, burguesa, ocidental e masculina.

As teorias feministas contemporâneas têm demonstrado especial interesse pelas análises de processos de simbolização e representação (Barret, 1999). Lembrando que todo conhecimento é apreendido através do código simbólico da linguagem, ou seja, discursivamente, verifica-se que na atualidade o equilíbrio entre as palavras e as coisas saiu da preocupação das ciências sociais com as segundas em direção a uma sensibilidade mais cultural da importância das primeiras (*id.*).

Nesse sentido é interessante ressaltar que a ciência deve ser vista como processo, e não como produto. Um ponto de abordagem que merece atenção é o uso de metáforas e analogias na ciência. Essas são construídas culturalmente e, quando utilizadas para a construção de proposições científicas, podem ser legitimadas e passar a ser consideradas naturais e verdadeiras, o que não é a função primeira da metáfora. As analogias entre raça e

gênero, predominantes durante todo o século XIX, é um bom exemplo dessa situação. O uso da análise de discurso crítica utilizada por teóricas (os) dentro da própria ciência pode ser eficaz para combater esse tipo de ação que se propõe neutra, mas que, no entanto, valoriza as similaridades que lhes é conveniente e descarta o que pode ser contrário ao que se interessa comprovar.

Uma outra possibilidade de aproximação em que a ADC pode ser muito útil às teóricas (os) feministas é a utilização de conceitos e teorias já legitimadas junto ao meio científico, desvendando as ideologias nelas contidas. A partir daí, é possível "apossar-se" de tais conceitos consagrados, revertendo seus desdobramentos para possíveis explicações e teorizações que venham a favorecer a visibilidade e a emancipação das mulheres, que são os principais propósitos das teorias feministas.

Há finalmente, que se levar em consideração as condições de produção dos discursos - sujeito do discurso, assunto/ tema, destinatário e, contexto - como pressupostos básicos para a análise de qualquer discurso, seja ele científico, seja do senso comum. Como já foi dito anteriormente, a razão científica é prestigiada e tida como base para as mais variadas representações discursivas. Desse modo, argüir dentro da academia é sem dúvida fundamental, entretanto, não se pode deixar em segundo plano a atenção aos discursos circulantes na sociedade em geral.

É preciso negociar meios para colocar em pauta o discurso "alternativo" feminista - ao menos entre as próprias seguidoras dessa corrente. Demonstrar como a ideologia se articula nos discursos é imprescindível para esse fim. Lembrar que a ideologia opera através de ofuscações, dissimulações, fragmentações etc, deve ser uma constante na investigação feminista, já que as proposições de Thompson são observadas na prática discursiva sobre as mulheres. Basta atentar para a invisibilidade das mulheres na historiografia tradicional, a descaracterização dos movimentos feministas, a desarticulação entre "segmentos" do movimento feminista entre mulheres negras, lésbicas, proletárias etc. É apenas o início de um longo caminho em busca da equidade social entre mulheres e homens, sendo que a ADC tem, sem dúvida, muito a contribuir contra a hegemonia androcêntrica.

NOTA

* - Tradução da autora

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ívia. **Interfaces**: ensaios críticos sobre escritoras. Ilhéus, BA: Editus, 2005.

BARRET, Michèlle. **As palavras e as coisas**: materialismo e método na análise feminista contemporânea. Revista Estudos Feministas, vol. 7, n. 1 e 2, 1999, pp. 109 - 125.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. Harlow: Longman Group UK Limited, 1989.

_____. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: UNB, 2001.

FOCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Trad, Roberto Machado - 18 ed. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

HARDING, Sandra. **The science question in feminism**. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1986.

_____. **A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista**.
Revista Estudos Feministas, n. 1, 1993, pp. 07 - 32.

_____. **Del problema de la mujer en la ciência al problema de la ciência en el feminismo**. In: Ciência y feminismo. Madri: Ediciones Morata, 1996, pp. 15 - 27.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e realidade - Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez. 1990.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

YANNOULAS, Silvia; et al. Liniaamentos epistemológicos. Trad. Syomara Deslandes Tindera. Brasília, 2003. Disponível em:
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/flacso/linea.pdf> (anexo I).